

NOTAS SOBRE A RELAÇÃO PARTIDO – SINDICATO

“O partido, para merecer esse nome, deve incluir toda a vanguarda da classe operária e usar sua influência ideológica para fazer frutificar todas as manifestações do movimento operário, especialmente o movimento sindical.

Mas, para que as organizações sindicais mereçam esse nome, devem abranger uma massa crescente de operários, e entre eles muitos elementos atrasados. Somente cumprirão sua missão caso se guiem conscientemente por princípios firmemente estabelecidos. E somente podem conseguir essa direção se seus melhores elementos estiverem unidos no partido da revolução proletária.” (Trotsky – Uma discussão necessária com nossos camaradas sindicalistas, 1923)

Apresentação

Há tempos o partido discute o problema do sindicalismo e do economicismo que afeta ampla e profundamente nossa atuação no movimento de massas. No entanto, em que pese o amplo acordo (pelo menos aparente) acerca da existência desses problemas, não avançamos em sua superação. Têm sido muito difíceis os passos nesse sentido e, quando ocorrem, são muito pequenos. O estudo e os debates que realizamos nos seminários sobre concepção e regime e no congresso nacional de 2017, já indicavam uma relação entre estes problemas e nossa atuação nos sindicatos. Daí surgiu a demanda da realização de um seminário sobre a relação partido-sindicato para estudar teórica e historicamente o problema. Nos pareceu ser o caminho mais indicado para enfrentar problema de tal profundidade e complexidade.

Este texto se alimenta do estudo preparatório e das discussões realizadas destes seminários realizado pela direção do partido e pela regional SJC, além de contribuições individuais de vários(as) camaradas. Seu conteúdo, no entanto, é de responsabilidade do seu redator, já que não foi submetido a nenhum organismo partidário. Trata-se de uma base para a discussão que, por óbvio, não pretende esgotar nem dar respostas definitivas aos problemas aqui abordados, estamos ainda no início da discussão. Ele se insere também no debate para atualização programática que vem sendo realizado na internacional. Há um senão, quanto a isso, que é o fato de este trabalho estar centrado na realidade brasileira. Não poderia ser de outra forma, trata-se de uma necessidade do partido, sem falar que estudo feito até agora foi sobre Brasil. No entanto, há conclusões que são gerais e poderão ser úteis também para os demais partidos.

Alguns esclarecimentos importantes: **Primeiro**, nestas “notas” tratamos apenas da intervenção do partido nos sindicatos ou através deles, mas isso não significa que o partido só possa atuar através das organizações sindicais. Pelo contrário, o partido atua sobre toda a sociedade, leva sua política a todos os setores explorados e oprimidos, não apenas ao setor organizado pelos sindicatos. Falamos apenas da intervenção nos sindicatos aqui, porque é o foco da discussão que queremos fazer. **Segundo**, apesar de já ter sido dito, nunca é demais repetir: aqui não se trata de criticar a atuação dos nossos militantes que são dirigentes sindicais, ou que atuam nos sindicatos. Trata-se de uma avaliação crítica de toda a nossa intervenção e, portanto, em primeiro lugar da própria direção nacional do partido. **Terceiro**, tampouco se trata de menosprezar a influência que o partido conquistou nos sindicatos. Pelo contrário, isso é um patrimônio de valor inestimável da nossa organização e da internacional. Trata-se de colocá-lo a serviço da construção do partido.

Por fim, em toda discussão dessa dimensão, manda a prudência estabelecer com clareza o que está em questão, e onde se mantém a compreensão de antes, ajuda a evitar unilateralidades ou superficialidades em que incorremos tantas vezes pela nossa baixa formação marxista. Assim, a parte inicial destas "notas" está dedicada a remarcar aquilo que, para nós, segue atual e deve ser mantido como acúmulo do partido acerca da importância dos sindicatos e também de suas limitações, assim como sobre atuação dos revolucionários nos mesmos. Depois o texto entrará no que é seu objetivo principal - o debate teórico acerca da relação partido-sindicato na tradição marxista para, a partir daí, jogar luz sobre os problemas que enfrentamos hoje em nossa atuação. Ao final, tentaremos sistematizar algumas conclusões que ajudem a equacionar as tarefas que se desdobram desse debate, no partido e na internacional.

Publicamos este texto como parte dos materiais de estudo para os seminários regionais que faremos no partido e para debate no âmbito da comissão de programa da internacional. A discussão desse tema nos organismos partidários será feita a posteriori dos seminários, no período preparatório ao nosso próximo Congresso Nacional. É muito importante que a militância do partido, seus quadros especialmente, dediquem tempo ao estudo deste tema, condição necessária para aportar nesse processo de elaboração que o partido vem fazendo.

I - Os sindicatos na época da decadência do imperialismo

A crise e decadência do capitalismo em sua fase imperialista aprofunda cada vez mais as características destrutivas deste sistema. Não só é cada vez mais incapaz de fazer concessões significativas que possam melhorar o nível de vida das massas, como é obrigado a atacar cada vez violentamente as conquistas e direitos acumulados pelas massas em séculos de lutas. Esse cenário afeta tremendamente os sindicatos, que se vêem cada vez mais impotentes frente a um capitalismo que não é mais o da livre concorrência - da qual se aproveitavam para obter melhorias para as condições de vida das massas. A época imperialista é a da concentração e centralização do capital, dos monopólios e oligopólios - processo que se amplia muito nos dias atuais, com o grau de internacionalização da economia e das cadeias produtivas que atinge o capitalismo - o que deixa os sindicatos em extrema desvantagem na luta que travam por uma parte maior da riqueza produzida.

É essa situação objetiva que leva os sindicatos a buscar, cada vez mais, apoio do Estado para enfrentar inimigo tão poderoso, e daí à tendência de aproximação e vinculação cada vez maior com o poder estatal, independentemente da ideologia de seus dirigentes: trata-se de uma "*característica comum ... na degeneração das modernas organizações sindicais*"¹. Ocorre que o Estado é instrumento do capital, mais precisamente, dos monopólios e oligopólios imperialistas e, portanto, essa aproximação conspira contra a independência dessas organizações. Essa realidade não permite mais a existência de sindicatos neutros, ou seja, que se limitam a atender as necessidades cotidianas da classe. O capitalismo só sobrevive rebaixando mais e mais o nível de vida da classe operária. Nesse quadro, ou o sindicato se adapta, e se transforma em agente auxiliar da burguesia para impor sobre a classe uma exploração cada vez mais profunda, ou se mantém do lado da classe operária, como um instrumento da sua luta contra o capital, ou seja, como um ponto de apoio à sua marcha para a revolução.

A burocracia reformista, adaptada já à defesa da propriedade privada, sente-se confortável nessa situação, transforma os sindicatos cada vez mais em uma agência de colaboração de classes com a burguesia e, para isso imprime a eles um caráter cada vez mais totalitário, pois colaborar com a burguesia é incompatível com o controle da base. Os revolucionários, dentro dos sindicatos devem lutar contra essa tendência que os atinge a todos na atualidade. Devem lutar para arrancar os sindicatos da dependência do poder estatal e das garras da burocracia reformista e devolvê-los às massas para a luta em defesa de suas demandas. Trotsky ressaltava a importância das bandeiras da **independência de classe** e da **democracia sindical** para a luta, para mobilizar a

¹ "Os Sindicatos na época da decadência imperialista", Trotsky, 1940

classe, não só contra a burguesia e seu Estado, mas também contra o regime totalitário dos próprios sindicatos.²

No entanto, o resultado da luta econômica, da luta sindical, está condicionado aos limites objetivos dados pela época de decadência do capitalismo. Não pode obter conquistas significativas, permanentes, sequer consegue manter o que foi conquistado antes. O quadro de destruição de direitos que vive o nosso país nas últimas décadas, é expressão disso, da mesma forma que a degeneração da CUT expressa bem a tendência descrita acima, de os sindicatos se adaptarem ao poder estatal e se transformarem em agentes da burguesia contra nossa classe. Se olharmos em torno de nós veremos que o mesmo se passa nos demais países latino-americanos e nas demais regiões do planeta. Trata-se de um processo mundial, não apenas uma realidade dos países dependentes, colônias e semi-colônias do imperialismo.

Se expressa também no desmonte do chamado “estado de bem estar social” erigido na Europa na esteira da derrota do nazismo e da expropriação da burguesia em metade daquele continente no fim da segunda guerra. Ou na crise da GM, nos EUA, durante o governo Obama que, para sobreviver, demitiu milhares de trabalhadores, reduziu pela metade o salário dos que permaneceram e eliminou direitos, apenas para, agora, fazer uma nova rodada de ataques ao emprego, ao salário e aos direitos dos seus funcionários. De acordo com a OCDE (Organização para o Comércio e o Desenvolvimento Econômico), durante o período entre 1990 e 2009 a participação da renda do trabalho na renda nacional caiu em 26 de 30 países para os quais há dados disponíveis. O IIEL (Instituto Internacional de Estudos Laborais) calcula que nas dez economias desenvolvidas para as quais há dados disponíveis, a participação dos salários se reduziu em 12% para os trabalhadores menos qualificados, entre 1980 e 2005.³ Da mesma forma, em todos esses processos o papel das grandes organizações sindicais não foi nem é diferente do que conhecemos no Brasil.

A importância dos sindicatos para a classe...

É nesse cenário que surgem questionamentos quanto à necessidade ou utilidade dos sindicatos na época atual, Especialmente em setores pós-modernos, mas não só. Surge também entre lutadores honestos, desgastados pelo dia a dia da luta sindical nas condições em que ela se dá nos dias de hoje. Nós, aqui, partimos do princípio que, sim, os sindicatos seguem tendo importância fundamental para a luta da classe.

Compreender o fato de que o resultado das lutas econômicas são cada vez mais residuais e efêmeros não implica que as organizações sindicais tenham menos importância para a classe operária. Ao contrário, quanto mais profundos são os ataques as condições de existência da nossa classe, mais necessários são os sindicatos. No Programa de Transição, Trotsky fez questão de reafirmar que *“na luta pelas reivindicações parciais e transitórias, atualmente os operários têm mais do que nunca necessidade de organizações de massas, antes de tudo de sindicatos.”*⁴ A necessidade das organizações de massas para a luta econômica da classe vem da violência e profundidade cada vez maiores com que o capital - em sua decadência - ataca o nível de vida das massas.

Trata-se de ter um instrumento para a luta pelas condições mais básicas de sobrevivência, para enfrentar um sistema cada vez mais hostil e desumano. Esse quadro que Trotsky trata no texto citado acima (final dos anos 1930) não mudou nos dias atuais, talvez tenha se agravado, sendo ainda mais agudos os ataques ao nível de vida das massas, tornando ainda mais necessárias as organizações sindicais como instrumentos de resistência contra essa situação.

...e da atuação dos revolucionários nos sindicatos

² idem

³ Estas informações constam do Informe Anual sobre Salários de 2012 - 2013, da OIT, Organização Internacional do Trabalho

⁴ Os Sindicatos na época de transição”, Trotsky, 1938

Nada que seja necessidade da nossa classe deve ser alheio aos revolucionários. Justamente por isso, além de afirmar a importância dos sindicatos, Trotsky insistia que os revolucionários deveriam estar na primeira linha dessa luta, junto com a nossa classe, mesmo que o objetivo fossem demandas as mais modestas, que deveriam tomar parte ativa na vida dos sindicatos tratando de fortalecê-los. Mas não só por esta razão.

Somente em base a este trabalho, dizia ele, é possível obter sucesso na luta contra a burocracia e o reformismo que, através destas organizações, controlam e travam o avanço da luta das massas nos marcos do sistema capitalista⁵. É preciso atuar onde as massas estejam, ainda que isso implique atuar dentro de sindicatos atrasados, conciliadores. O erro fundamental de querer substituir os velhos sindicatos burocráticos por outros “novos” e livres de “corrupção” é que reduz “... o grande problema político de como libertar as massas da influência da burocracia sindical a experiências organizativas. Não basta oferecer às massas outro lugar onde se dirigir. Deve-se ir buscá-las onde estão e dirigi-las.”⁶

Lenin raciocinava no mesmo sentido. Pregava a luta implacável para desmoralizar e desalojar dos sindicatos e da consciência da classe a influência dos “chefes incorrigíveis do oportunismo e do social-chauvinismo”. Sem que essa luta atinja um “certo grau” dizia ele, não é possível conquistar o poder político, e nem se deve pensar em fazê-lo - este certo grau, sempre de acordo com Lenin, não é o mesmo em todos os lados, cabendo aos dirigentes políticos da classe determiná-lo. Não atuar no seio dos sindicatos reacionários, dizia, corresponde ao abandono das massas mais atrasadas à influência dos líderes reacionários, agentes da burguesia⁷. Em nossa opinião, tampouco surgiram fatos novos que pudessem justificar uma mudança nessa compreensão.

Com todos os problemas que têm os sindicatos, se é a eles que as massas afluem quando querem lutar, é fundamental participar deles, ajudar a organizar e estar a frente de suas lutas em defesa de melhores condições de vida. Apenas dessa forma poderemos **disputar a direção das lutas da classe** contra as direções reformistas e burocráticas, **disputar a consciência da classe contra o reformismo** para as ideias do socialismo e da revolução. Só assim **educamos a classe e poderemos ganhar influência política sobre ela**, construindo o partido capaz de dirigi-la no caminho da revolução. Por isso, ao lado de reafirmar a importância dos sindicatos e da atuação dos revolucionários nestas organizações, é fundamental entender - como veremos mais adiante neste texto - que a participação na luta econômica, sindical, não pode resumir, nem ser o centro da atividade dos revolucionários.

Os sindicatos devem funcionar como uma “**escola de comunismo**”⁸ para a classe operária, como queria Lenin. Para isso a atuação dos revolucionários deve se basear em princípios bem definidos: independência de classe; democracia operária; prevalência da luta direta sobre os processos de negociação; defesa da moral proletária e da solidariedade de classe. E é também por isso que os revolucionários devem ter como **centro da sua ação nos sindicatos** - como em qualquer outra frente de atuação nesta sociedade - a **agitação e a propaganda revolucionária**, a defesa das ideias do socialismo e da revolução.

A consciência política de classe, socialista, não surge espontaneamente da luta de classes dos trabalhadores contra os patrões e seus governos. Esta luta gera apenas a consciência sindical, ou seja, a compreensão da importância de se unirem nos sindicatos para lutar por seus interesses imediatos. A luta econômica e sindical, a ação espontânea da classe, não leva por si só os operários a compreenderem a absoluta incompatibilidade entre seus interesses mais básicos e a existência do sistema capitalista; da necessidade da revolução socialista para que a classe operária assuma o poder e abra caminho para a construção do socialismo. Por isso o leninismo nega e combate o espontaneísmo, que é a apologia do espontâneo contra o trabalho planejado e sistemático que o partido deve fazer sobre as massas, para destruir sua consciência atrasada e ganha-la para as ideias do socialismo e da revolução.

O dirigente sindical, dizia Lenin, “*ajuda constantemente os operários a conduzir a luta econômica, organiza denúncias sobre a vida na fábrica, explica a injustiça das leis ... Em uma palavra, todo dirigente sindical conduz e*

⁵ ver “Os sindicatos na época de transição”, Trotsky, 1938

⁶ “Os sindicatos na Grã-Bretanha”, Trotsky, 1933

⁷ “Os revolucionários devem atuar nos sindicatos reacionários?” Lenin (Esquerdismo...), 1920

⁸ idem

ajuda a conduzir a luta econômica contra os patrões e o governo. Não seria demais insistir que isso ainda não é um trabalho revolucionário".⁹ O desenvolvimento espontâneo do movimento operário leva justamente à subordinação à ideologia burguesa.

A consciência da classe operária, insistia ele, não pode ser uma consciência verdadeira, *"se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; a reagir justamente do ponto de vista revolucionário e não de qualquer outro ponto de vista"*¹⁰. Os operários, dizia, precisam adquirir consciência, a partir da sua própria experiência, de suas vitórias e derrotas, dos fatos e acontecimentos que ocorrem na sociedade *"da oposição irredutível de seus interesses com toda a ordem política e social existente, isto é, a consciência socialdemocrata"*¹¹. Para conhecer a si própria, de fato, a classe operária deve conhecer as relações entre as classes da sociedade.

Esse aprendizado, essa ciência (o marxismo) só pode ser levada para a luta de classes e para a classe operária "do exterior" pelo partido revolucionário através da **agitação e da propaganda revolucionária sobre a classe operária e as massas**. Isso não deve ser confundido com propagandismo. O partido precisa sim, intervir na luta de classes, na sua dimensão econômica e política, precisa disputar a direção das lutas da classe contra a burocracia e o reformismo. O que retomamos aqui, do estudo que fizemos nos seminários de concepção e regime de partido, é que a atuação do partido não pode parar aí. Não pode se limitar, ou mesmo ter como sua atividade mais importante no movimento de massas, a luta econômica ou sindical. É imprescindível também a luta teórica/ideológica, contra a burguesia e as alternativas reformistas, a defesa do socialismo e da revolução, pois é através dessa luta que poderemos arrancar as massas da influência do reformismo e leva-la ao caminho da revolução. É somente através dessa que educamos e ganhamos a vanguarda da classe para a construção do partido da revolução.

Registre-se por fim, para evitar uma visão unilateral do problema, que nem Trotsky, nem Lenin idealizavam os sindicatos. Pelo contrário. Ao mesmo tempo em que condenavam toda posição ultimatista em relação à classe e seus sindicatos, condenavam também o conservadorismo que implica tolerar passivamente a subordinação do movimento revolucionário das massas ao controle das burocracias. Defendiam o estímulo à renovação dos aparelhos sindicais e suas lideranças, aproveitar todas as oportunidades para a construção e fortalecimento dos comitês de fábrica, ou mesmo a criação de novas organizações de combate que respondessem melhor à realidade e necessidades da luta das massas. O sindicato, diziam, não é um fim em si, mas somente um dos meios na marcha para a revolução.

Todas essas elaborações, ao nosso ver, seguem válidas e atuais. Foi o sentido das conclusões do estudo que fizemos nos Seminários de Concepção e Regime do partido, no debate que fizemos e resoluções que aprovamos no congresso de 2017. No entanto, a dificuldade que temos tido em dar passos concretos para colocar em prática as conclusões a que chegamos neste debate expõe a profundidade do problema que nos afeta. Precisamos buscar as bases em que se assentam estas deformações, para lutar em melhores condições para superá-las. Vamos a isso, então.

II - A concepção marxista da relação do partido com os sindicatos

Trotsky afirmou, como vimos aqui, que na época de decadência do capitalismo a única maneira de os sindicatos não se transformarem em instrumentos nas mãos do capital para ajudar na exploração da classe operária, era que este se engajassem numa luta sem trégua contra o capitalismo, ou seja, estivessem a serviço da revolução socialista. No entanto, nem por isso, fazia qualquer confusão entre o papel dos sindicatos com a tarefa do partido revolucionário no processo da luta de classes e na revolução socialista.

⁹ "Que Fazer", Lenin, 1902

¹⁰ idem

¹¹ idem

Ao mesmo tempo que afirma, em 1938, que *“Os sindicatos não têm e não podem ter um programa revolucionário acabado, em virtude de suas tarefas, de sua composição e do caráter do seu recrutamento”*¹², afirma dois anos depois que *“... o programa de transição, aprovado no último congresso da 4ª internacional não é apenas um programa para a atividade do partido, mas, em traços, gerais é o programa para a atividade dos sindicatos”*¹³. A explicação para essa aparente contradição está na dialética em que ele sempre embasava seu raciocínio. É essa metodologia que Trotsky utiliza na longa polemica que desenvolve, nos anos 20 e início dos 30 do século passado, contra as concepções do “sindicalismo revolucionário” francês – setor da esquerda francesa que, neste período, se aproximou da Terceira Internacional e depois afastou-se dela definitivamente¹⁴.

O motivo principal da polêmica era a defesa que esse setor fazia da “independência total e incondicional” dos sindicatos em relação aos partidos comunistas. Louzon, dirigente dessa corrente, dizia que os sindicatos representam “toda a classe operária” e que “a classe operária tem um fim em si mesma”, e que aos partidos - inclusive o comunista - cabia servir à classe operária, subordinar-se a ela.¹⁵ Monate, outro destacado dirigente desse grupo afirmava que *“... na luta revolucionária pela libertação do proletariado são os sindicatos que jogam o papel central.”*¹⁶ Trotsky refutava taxativamente todas estas afirmações.

Discordava categoricamente da ideia de que *“a classe operária tem um fim em si mesma”*, sustentada pelo “sindicalismo revolucionário”. Os sindicatos representam a classe operária como ela é, e o partido, como ela deve ser, dizia. Para que a classe deixe de ser classe em si, e se torne classe para si, é necessário que ela adquira consciência de suas tarefas históricas para pôr fim à exploração do capitalismo (necessidade do socialismo e revolução). Essa consciência só pode vir de “fora para dentro” da luta de classes e da própria classe operária. É função do partido levar à classe a *“compreensão subjetiva da tarefa histórica que lhe coloca sua situação objetiva”*¹⁷. Por essa razão os sindicatos, mesmo tendo grande importância na luta da classe operária, são um meio na luta pela revolução, não um fim em si. Nunca poderão substituir nem sobrepor-se ao partido.

Normalmente, em todo o mundo, os sindicatos representam uma parcela muito pequena da classe operária, e na França isso não é diferente, dizia ele. Além disso o sindicalismo francês *“foi e é, organizativamente e teoricamente, igual a um partido. Foi assim que chegou, durante seu período clássico (1905 - 1907), à teoria da ‘minoría ativa’, e não do ‘proletariado coletivo’. E o que é uma minoría ativa, ligada pela unidade de suas ideias, senão um partido?”*¹⁸. Ao não compreender de forma correta essa realidade e raciocinar em base aos conceitos equivocados apontados acima, o “sindicalismo revolucionário” tendia a “esconder” o partido atrás do sindicato, a “diluir” o partido dentro dessa organização. Ao mesmo tempo se “estreita” as fronteiras dos sindicatos, ao tentar fazer com que estes cumpram o papel do partido. Daí surgia uma organização que acabava sendo *“demasiado indefinido como partido e demasiado pequeno para sindicato”*¹⁹.

Não há razão, dizia Trotsky, para que o partido se esconda atrás dos sindicatos. Os comunistas não perturbam de nenhuma forma o desenvolvimento independente do sindicato, apoiam suas lutas e, nesse sentido, defendem *“...desde o início, no espírito do marxismo, a independência real e viva dos sindicatos”*²⁰. Os militantes do partido que atuam no sindicato, da mesma forma que qualquer outro membro do mesmo, tem o direito de expressar suas ideias, fazer propostas e colocá-las para votar. O coletivo do sindicato pode aprová-las ou não, mas isso não afeta sua autonomia. O partido respeita a autonomia do sindicato, mas ao fazê-lo, não abre mão da sua própria independência e autonomia. Se reserva o direito de emitir opiniões sobre todos os

¹² “Os sindicatos na época de transição”, Trotsky, 1938

¹³ “Os sindicatos na época da decadência imperialista”, Trotsky, 1940

¹⁴ Era uma corrente de tendência anarco-sindicalista que apoiou a revolução Russa, eram favoráveis à Ditadura do Proletariado e, por essa via se aproximaram da terceira internacional

¹⁵ Ver “Uma discussão necessária com nossos camaradas sindicalistas”, Trotsky, 1923

¹⁶ “A questão sindical”, Informe de Trotsky no quarto congresso da Terceira Internacional, 1922

¹⁷ “Uma discussão necessária com nossos camaradas sindicalistas”, Trotsky, 1923

¹⁸ idem

¹⁹ “Outra vez os preconceitos anarco-sindicalistas”, Trotsky, 1923

²⁰ “Uma discussão necessária com nossos camaradas sindicalistas”, Trotsky, 1923

acontecimentos, inclusive sobre os sindicatos, fazer propostas, criticá-los. Por sua vez os sindicatos podem ou não aceitar as propostas e críticas feitas pelo partido.²¹

Os sindicatos são organizações de massas e, como entre as massas existem muitas correntes de opinião, acabam sendo uma forma mais ampla de frente única, “*uma organização de massas não partidária unindo operários de todas as tendências políticas*”²², e seus objetivos são a luta pelas demandas econômicas e democráticas das massas. Frente à essa natureza da **organização sindical** a postura do chamado “sindicalismo revolucionário” resultava **estreita, sectária, burocrática** em relação às massas em seu conjunto e especialmente em relação aos seus setores mais atrasados. E, frente à necessidade da luta pelo **socialismo e da revolução**, resultava numa postura **oportunista**, pois negava, de fato, as tarefas e o papel do partido revolucionário. Não compreendiam o papel estratégico e dirigente do partido na luta programática e ideológica contra as ilusões e falsas ideologias do próprio proletariado, para destruir a influência do reformismo sobre a classe e preparar as condições para a revolução socialista. O estratégico para eles era o sindicato, e não o partido.

Partido-sindicato, uma relação dialética: respeito à autonomia e centro na construção do partido

Trotsky evitava esquemas, buscava sempre apoio na dialética, seja para compreender a realidade seja para elaborar respostas políticas a ela. Não podia ser diferente aqui, ainda mais em se tratando de um tema tão importante como a relação do partido revolucionário com os sindicatos. “*Marx não deu nenhuma resposta definitiva ao problema das relações entre o partido e os sindicatos, nem poderia fazê-lo. Essas relações dependem de circunstâncias que variam em cada caso.*”²³ Com o mesmo critério, Lenin propôs - em momentos diferentes, logo após a revolução de outubro - papel radicalmente diferente para os sindicatos. Em 1919 defendia “estatificação” dos sindicatos, de forma que fossem instrumentos do Estado Operário para a construção socialista²⁴; em 1920, defendeu que os sindicatos fossem instrumentos de luta trabalhadores, para defendê-los contra o Estado Operário, pois este ainda tinha muitos resquícios capitalistas e deformações burocráticas, expressando já aqui suas preocupações com esse tema²⁵.

Em seu texto “Comunismo e Sindicalismo”, Trotsky sistematiza as conclusões do debate feito ao longo dos anos 20 com os sindicalistas franceses. Afirma que seu erro era o de transformar a independência das organizações sindicais da burguesia e do reformismo em independência em geral, absoluta, de todos os partidos, inclusive do partido revolucionário chegando, no limite, a negar o seu papel dirigente na revolução. A independência da influência burguesa, dizia ele, “*não pode ser um estado passivo. Somente se expressa mediante atos políticos, ou seja, mediante a luta contra a burguesia*”.²⁶ E esta luta demanda um programa, organização e táticas, e a soma de programa organização e táticas resulta justamente no partido.

No entanto, mesmo quando polemizou com os anarco-sindicalistas contra a defesa que estes faziam da independência do sindicato em relação ao partido revolucionário não deixou de observar que “*... Em tempo de ‘paz’, quando as formas mais militantes de ação sindical consistem em greves econômicas isoladas, o papel direto do partido na ação sindical passa a um segundo plano. Geralmente o partido não toma uma decisão sobre cada greve isolada. Ajuda o sindicato a decidir se a greve é oportuna, mediante sua informação econômica e política e seus conselhos. Colabora com cada greve mediante a agitação, etc. Mas o primeiro lugar na greve certamente corresponde ao sindicato. A situação muda radicalmente quando a mobilização eleva-se à greve geral ou inclusive a uma luta direta pelo poder. Nestas condições o papel de direção do partido passa a ser direto, aberto e imediato. Os sindicatos (naturalmente os que não passam para o outro lado da barricada)*

²¹ idem

²² “Teses sobre o trabalho comunista nos sindicatos”, IV Congresso da Terceira Internacional, 1922

²³ “Uma discussão necessária com nossos camaradas sindicalistas”, Trotsky, 1923

²⁴ Ver “Do informe ao II Congresso de Sindicatos de Toda a Rússia”, Lenin, 1919

²⁵ Ver “Sobre os Sindicato, o Momento Atual e os Erros de Trotsky”, Lenin, 1920

²⁶ “Comunismo e Sindicalismo”, Trotsky, 1929

convertem-se em aparelhos organizativos do partido, que aparece, perante toda a classe, como líder da revolução. Assume toda a responsabilidade."²⁷

O que não muda, num e noutro momento é o foco na necessidade de o partido se apresentar diretamente às massas, de levar à elas sua agitação e propaganda: "*Entre a greve econômica parcial e a insurreição revolucionária há toda uma gama de possíveis relações entre o partido e os sindicatos, vários graus de influência direta e imediata. Mas quaisquer que sejam as condições, o partido trata de ganhar influência, contando com a autonomia dos sindicatos, os quais, (cabe repetir) não estão 'submetidos' a ele, organizativamente*".²⁸

Ou seja, a relação concreta que o partido estabelece com os sindicatos varia em função da situação da luta de classes ou, dito de outra forma, da tarefa concreta que está colocada para a classe operária no momento dado. E, mesmo lutando contra a ideia da "independência" dos sindicatos em relação ao partido revolucionário, Trotsky não deixou de destacar a importância do respeito à autonomia dessas organizações em relação ao partido. O que define o grau dessa autonomia não é, segundo ele, uma norma jurídica, são critérios políticos, relacionados à luta de classes e às tarefas que ela coloca. Num momento de estabilidade, onde primam as lutas econômicas, o partido pouco ou nada participa das decisões dos sindicatos. Já num momento de conflagração política, de uma greve geral, ou de luta pelo poder, o partido praticamente assume diretamente a sua condução. Entre um e outro extremo, um sem-número de situações que exigirão respostas próprias para cada uma delas.

Mais adiante volta à carga, tratando do mesmo problema a partir de outro enfoque. "*Entenda-se bem: a tarefa do Partido Comunista não consiste apenas em ganhar influência nos sindicatos tais como eles são, mas em ganhar, através dos sindicatos, influência na maioria da classe operária. Isso somente é possível se os métodos que o partido emprega nos sindicatos correspondem à natureza e às tarefas destes.*"²⁹ É importante esmiuçar um pouco as ideias aqui contidas.

A primeira é que o objetivo do partido é sim ganhar influência sobre os sindicatos, estar à frente das lutas pelas demandas econômicas e imediatas da classe, mas destaca que o objetivo não é apenas esse, por importante que seja. O objetivo fundamental, decisivo, é que **o partido - através do sindicato - ganhe influência sobre as massas**, cresça. O partido, pelo acesso às massas que a influência sobre o sindicato permite (reconhecimento pelas massas de seus militantes como dirigentes das suas lutas) deve levar à elas a propaganda e a agitação revolucionária, a defesa das ideias do socialismo e da revolução. Destaque-se que é **o partido** que o faz, através de seus militantes e de seus materiais de agitação e propaganda, sem prejuízo de discussões que possam ser feitas pelo próprio sindicato - esse aspecto é importante pela razão que vem a seguir.

A segunda é que para dar conta desta tarefa, fazer bem o seu trabalho político revolucionário entre as massas, o partido deve respeitar a natureza de frente única dos sindicatos e os seus objetivos para a classe. A atuação do partido deve fazer bem ao sindicato, fortalecer suas instâncias, assegurar a soberania das massas nas decisões da entidade. A luta pela influência do partido no sindicato, dizia Trotsky, "*... tem sua verificação objetiva no fato de eles prosperarem ou não e no aumento do número de seus membros, além de suas relações com as massas. Se o partido paga por sua influência nos sindicatos o preço de estes limitarem seu alcance ou de fracioná-los (convertendo-os em auxiliares do partido para fins momentâneos ou impedindo-os de transformarem-se em autênticas organizações de massas), as relações entre o partido e a classe andam mal.*"³⁰

Ou seja, o partido precisa respeitar a autonomia dos sindicatos, respeitar as suas instâncias de decisão. As massas não apenas devem ter soberania sobre os sindicatos, devem sentir-se soberana. O partido não pode

²⁷ idem (os destaques são de Trotsky)

²⁸ idem (os destaques são meus)

²⁹ Comunismo e Sindicalismo, Trotsky, 1929 (os destaques são meus)

³⁰ idem

violam a natureza da organização sindical para levar adiante seu trabalho político, sob pena de prejudicar suas relações com as massas e o próprio trabalho político que quer fazer.

Nesse mesmo texto Trotsky trata de um outro aspecto dessa mesma discussão de uma forma que vale destacar aqui. O número de comunistas que ocupam cargos na direção do sindicato, diz ele, “...*nada mais é que um dos meios para medir a influência do partido. O parâmetro mais importante é a porcentagem de comunistas em relação ao total de sindicalizados. Mas o principal critério é a influência geral do partido sobre a classe operária, que se mede pela circulação da imprensa comunista, a concorrência a atos do partido, o número de votos nas eleições e, o que é especialmente importante, o número de operários e operárias que respondem ativamente ao chamado do partido para a luta.*”³¹

Ou seja, o conceito “construir o partido” que ele utiliza aqui não se limita ao ato de captar e consolidar no partido o melhor da vanguarda, como normalmente tratamos o tema. Trata-se também de ganhar influência **sobre as massas** para o programa e a ideologia do partido. Logicamente o número de militantes do partido em relação ao total de trabalhadores na base do sindicato é mais importante do que o número de cargos conquistados na direção do mesmo. A captação do melhor da vanguarda é fundamental. Mas não é só isso. Ele dá um valor imenso à “*influência geral do partido sobre a classe operária*”, ou seja, o número de jornais que vende, o afluxo às atividades do partido, o número de operários que seguem o partido, atendem ao seu chamado para a luta, e mesmo o número de votos nas eleições. A luta para ganhar influência sobre a classe faz parte da educação política e ideológica das massas. Será fruto desse trabalho que surgirá uma franja do movimento que passará a seguir politicamente o partido, ainda que não o integre - a periferia política do partido. Isso é fundamental não apenas porque facilita a captação, extrair daí os melhores elementos para que venham militar organicamente no partido. É fundamental também para a luta política do partido, contra a burguesia e as alternativas reformistas, pela consciência das massas e pela direção das suas lutas. Isso não se consegue somente fazendo propaganda sobre ativistas para captá-los, ainda que seja muito importante fazer isso. É preciso mais, é necessário também o trabalho sistemático de **agitação e propaganda revolucionária sobre as massas**.

A questão da Unidade Sindical

Há muito tempo as organizações sindicais estão divididas na maioria dos países, pela ação da burguesia e seus agentes reformistas dentro do movimento operário e das diversas correntes ideológicas existentes em seu interior. Isso pode gerar equívocos, como o de acreditar que sempre foi assim, ou de que isso é positivo para a classe. O acúmulo do marxismo a respeito desse tema aponta em um sentido contrário. Nem sempre a divisão das organizações sindicais é positiva do ponto de vista dos interesses da classe.

A unidade das organizações sindicais atende interesse da classe - quanto maior a unidade, melhor para a luta da classe em defesa de suas demandas - e também do partido revolucionário, pois quanto mais amplas as massas reunidas dentro de um sindicato, melhor para o trabalho de agitação e propaganda que o partido precisa fazer sobre elas. Por esta razão, é que “... *geralmente, não é a ala comunista, mas sim a reformista que toma a iniciativa de dividir as organizações sindicais*”³². Dessa forma, tanto a terceira internacional quanto Trotsky davam muita importância a que os revolucionários defendessem a unidade das organizações de massa da classe trabalhadora.

No entanto, não faziam apologia da unidade pela unidade. “*Se é crime voltar as costas às organizações de massa para se contentar com facções sectárias, não é menos criminoso tolerar passivamente a subordinação do movimento revolucionário das massas ao controle de camarilhas burocráticas*...”³³ Aqui, mais uma vez fugindo do busca por fórmulas jurídicas e esquemas, o que deve determinar a política dos revolucionários são as necessidades da luta da classe operária.

³¹ idem

³² “A questão da unidade sindical”, Trotsky, 1931

³³ “Os sindicatos na época de transição” Trotsky, 1938

Assim *“a cisão [de uma organização de massa] se justifica não por considerações ditadas por um objetivo revolucionário ainda distante e vago, mas pelos interesses concretos e imediatos da classe operária correspondendo às necessidades da ação econômica”*³⁴. Vejam que não são as diferenças políticas e estratégicas que temos com a burocracia reformista que justifica a divisão do sindicato, e sim as necessidades da luta concreta das massas. Da mesma forma que frente à possibilidade de unificação de organizações sindicais, quando colocada pela necessidades dessa mesma luta das massas, os revolucionários não podem interpor a ela nenhuma condição de natureza programática e ideológica, *“As únicas condições que impomos são simplesmente garantias organizativas da democracia sindical, em primeiro lugar a liberdade de crítica para a minoria, sempre com a condição de que se submeta à disciplina sindical.”*³⁵ Ou seja, a preservação da independência e autonomia do partido para defender suas ideias.

Dessa forma o marxismo via a importância da unidade das organizações sindicais, e a defesa que os revolucionários devem fazer da mesma. Sem fetiche. Sem preterir a luta esperando que se produza unidade das organizações para levá-la adiante. E sem medo de romper com os aparelhos burocráticos quando esta for uma necessidade da luta das massas e estas tiverem disposição de fazê-lo.

Por outro lado, é preciso ressaltar o outro critério fundamental que perpassa toda essa discussão, tanto para Trotsky, quanto para a Terceira Internacional: a necessidade do partido, de atuar sobre as massas, de disputar sua consciência e ganhar influência sobre elas. Não sobre setores de vanguarda, sobre as massas. Trotsky dizia que o partido, sendo a vanguarda da classe, em sua ação, especialmente em sua ação sindical deveria saber voltar-se para seus setores mais atrasados. Que para os revolucionários, mesmo a situação de minoria dentro de uma organização de massas era, muitas vezes, mais vantajosa do que ser maioria em uma organização pequena, de vanguarda. E dizia isso porque o motivo fundamental da participação dos revolucionários nos sindicatos não era estabelecer contato com as massas e lutar para ganhar influência sobre elas, arrancando-as da influência do reformismo.

Nos casos de divisão já consumada ou inevitável, diziam, os revolucionários têm a obrigação de ajudar os sindicatos de massa mais avançados que surjam da ruptura, ao mesmo tempo que lutam para aproximá-los das ideias do partido. No entanto, mesmo nestes casos, esse trabalho *“não deve significar a saída dos comunistas dos sindicatos oportunistas”*³⁶, diz resolução do segundo congresso da Terceira Internacional. Trotsky afirma a mesma coisa quando discute a divisão ocorrida na CGT francesa e a criação da CGTU. Dizia que *“todo revolucionário que não tenha perdido contato com a realidade deve reconhecer que a criação de frações comunistas nos sindicatos reformistas é uma tarefa de grande importância.”*³⁷

O partido atua sobre toda a classe, disputa a consciência da classe e a direção das suas lutas dentro de todas as organizações que reúnam massas. Deve então estar nos sindicatos, *“com as bandeiras dobradas ou ao vento, para atuarem ambientes fechados ou ao ar livre, de acordo com as condições políticas e policiais vigentes...”*³⁸

....

IV - Para efeito de conclusões

Desde o início da construção da nossa corrente no Brasil buscamos, corretamente, uma ligação estreita com o movimento de massas e suas lutas. Nossa intervenção nos sindicatos e o peso que conquistamos no movimento sindical é fruto disso e é um patrimônio político inestimável de nossa organização. O partido e toda sua militância podem e devem ter um imenso orgulho pelo que foi feito. O que não queremos, nem podemos, é nos deixar cegar pelo orgulho, e deixar de ver os problemas e erros existentes. Pelo contrário, precisamos encará-

³⁴ “O Movimento Sindical e os Comitês de Fábrica e Usinas”, Resolução do 2º congresso da terceira internacional, 1920

³⁵ “A questão da unidade sindical” Trotsky, 1931

³⁶ “O Movimento Sindical e os Comitês de Fábrica e Usinas”, Resolução do 2º congresso da terceira internacional, 1920

³⁷ “A questão da Unidade Sindical”, Trotsky, 1931

³⁸ “Os sindicatos em face do ataque econômico da contra revolução” Trotsky, 1933

los de frente e lutar para superá-los. O que caracteriza uma organização revolucionária não é a ausência de erros, mas a atitude concreta frente a eles que tem essa organização.

Como estas “notas” buscam demonstrar, acreditamos que, sim, acumularam-se em nossa atuação nos sindicatos, desvios em relação às bases teóricas que o marxismo nos legou. São desvios de tipo sindicalista (ou anarco-sindicalista) e por isso remete ao “sindicalismo revolucionário” que Trotsky combateu na França de cem anos atrás. São desvios que colocam em questão, **comprometem o nosso projeto de construir um partido revolucionário e uma internacional** em nosso país. **Corrigir** estes desvios, então, é **condição** para podermos **avançar** do patamar em que estamos, pois suas consequências são muito graves.

Isso implica rever, corrigir, sim, a forma como atuamos nos sindicatos, como tratamos a questão da autonomia dessas organizações e suas instâncias em relação ao partido, a questão da democracia operária, e nossas relações com as massas e a vanguarda. Mas a **mudança mais importante** - sem dúvida, a mais difícil - será fazer uma **correção profunda na forma como o partido atua no movimento para disputar a consciência das massas** para as ideias do socialismo e da revolução, como atua através dos sindicatos, mas como um partido que tem no centro da sua atuação a propaganda e agitação revolucionária sobre as massas.

.....

Zé Maria, junho de 2019